

Engenho Velho é herança do ciclo do açúcar

Foto: Gibão Lima

SEM NOVIDADE
Insegurança é um problema comum a quase todos os bairros

JOSÉ ARAÚJO NETO

O bairro do Engenho Velho de Brotas, como o próprio nome indica, foi fruto de uma época passada, quando senhores de engenho eram os donos do capital que movimentava a província. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de outras culturas mais ricas que o açúcar, os interesses da metrópole se deslocaram para outros estados e a cidade de Salvador também se transformou, deixando o bairro entregue às ocupações irregulares e à concentração do proletariado de baixa renda. Todavia, algumas marcas dos tempos idos ainda estão presentes no lugar, como a "Casa da Torre", onde o maior poeta brasileiro compôs seus últimos sonetos, de uma obra que falava da liberdade de um povo oprimido, um hino ainda inacabado.

Em meados deste século, o bairro começou a ser ocupado por invasões, que em Salvador têm um mesmo desenho: descem todas de uma rua principal, que vai dar em alguma baixada e onde as pessoas construíram casas, muitas das quais localizadas em zonas impróprias, como demonstra a história trágica dos deslizamentos de terra. Naquele bairro também havia no passado um solar onde o poeta Castro Alves morou pouco antes de morrer e onde também foi instalado um município famoso, o Juliano Moreira.

Mas, além deste solar, o bairro do Engenho Velho de Brotas possui um grande número de institui-

NOSSO BAIRRO



ções-públicas e conjuntos habitacionais, além de um considerável comércio. Nos conjuntos não falta água, como na maioria das residências situadas nas encostas. O locutor do Pelourinho Dia e Noite, Luciano Silva, contou que todas as semanas os moradores do local convivem com problemas relacionados com a falta d'água.

"A Embasa não vem resolver o problema e nós ficamos a depender das entregas dos carros-pipa, que cobram de R\$ 30 a R\$ 40, o que é muito duro para pais e mães de família daqui, cujo orçamento é muito curto", denunciou o locutor. Outro serviço, o de limpeza urbana, também foi criticado pelos moradores. Apesar de haver o recolhimento de lixo por parte de funcionários que trabalham nos carros, a falta de gari é evidente. "Eu nunca vi um gari limpando uma rua aqui", disse a arquivista Jurandira Alves.

Sem policiamento

Outro ponto negativo do bairro é a segurança pública, porque a maioria dos moradores se queixa da falta de policiamento ostensivo. Comentaram que, à exceção



Passada a época dos senhores de engenho, o bairro proletarizou-se, com o surgimento de grandes invasões em suas encostas

do fim de linha, onde está instalado um módulo da PM, o restante do bairro vive sem nenhuma proteção policial, como a avenida principal, Almirante Alves Câmara. A comerciante Joana Angélica teve uma irmã roubada na semana passada, quando dois marginais, além de saquearem a farmácia da família, levaram o dinheiro e o carro da vítima, um Pólo Classic, que foi depenado posteriormente. O aposentado da Coelba Edson Mattos confirmou a denúncia. "Não aparece nenhum policial por aqui, o máximo que acontece é uma viatura passando de vez em quando e mesmo assim sem parar, tanto que os assaltos ocorrem em plena luz do dia.

Mesmo assim, muitos moradores consideram o local muito bom. O aposentado Ronido Barros declarou que, em comparação com outros bairros, o Engenho Velho de Brotas é um paraíso. A estudante Adriana Silva ressaltou o problema do transporte coletivo, que apresenta um inconveniente: a falta de linhas para a orla marítima. "Se nós quisermos ir para a Pituba, temos de descer até a Avenida Vasco da Gama", disse ela, ressaltando, entretanto, que a entrada em funcionamento de uma linha que desce de Cosme de Farias possibilitou o acesso ao bairro da Barra, que antes não existia.

Inspirando o poeta dos escravos

Castro Alves escreveu, em 1867, na torre do Solar da Boa Vista, muitas de suas composições antiescravagistas e uma que enaltecia o local, que hoje se encontra em completa ruína:

*"Como a água, que do ninho tallado no rochedo
Ergue o pescoço caivo por cima do fraguedo*

*(...)
Ei-lo soberbo e calmo o abutre granito*

Mergulhando o pescoço no seio do infinito.

E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos

Os tetos, que a seus pés parecem de joelhos!..."

Hoje, o poeta se assustaria se visitasse o local. Desde a entrada, completamente esburacada e imprópria para o trânsito de veículos, passando por pilares que ameaçam desabar a qualquer momento e pelas paredes enegrecidas do solar, até chegar às inovações criadas em 1983, quando se imaginou fazer dali um parque cultural, tudo, todo o sítio, está desmoronando.

O aposentado Pedro Sampaio, 66 anos, um estudioso da obra do



No velho solar, Castro Alves fez os últimos versos à liberdade

poeta, fez uma comparação interessante, ao dizer que na Europa as residências por onde passaram os grandes poetas românticos, contemporâneos do baiano, como Byron, Shelley e Keats, são cuidadas e cultuadas como verdadeiros santuários - "porque literatura também gera turismo", disse ele.

"A casa de Castro Alves não somente está esquecida e em ruínas, mas vem sendo habitada por maconeiros, ladrões e prostitutas", criticou o aposentado, que disse

evitar aquele local a partir das 18 horas. O sergipano Emerson Ferreira, 26 anos, disse que em sua terra (Aracaju) um local daquele teria outro tipo de tratamento. "Lá, por exemplo, na Praça Teófilo Dantas, que também é afastada do centro, é um local completamente revitalizado, onde ocorrem diversas feiras, inclusive a Feira da Sulanca, na qual diversos artistas dos municípios sergipanos expõem e a população frequenta com o maior prazer", informou.

LOCALIZAÇÃO

